

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

MANOEL SIMÕES NETO

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

**O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA
DE THEODOR ADORNO PARA UMA EDUCAÇÃO
EMANCIPADORA**

**LONDRINA-PR
2016**



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**



**Secretaria de Estado da Educação
Superintendência da Educação
Diretoria de Políticas e Programas Educacionais
Programa de Desenvolvimento Educacional**

FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Título: **O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DE THEODOR ADORNO PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA**

Autor	MANOEL SIMÕES NETO
Disciplina/Área (entrada no PDE)	FILOSOFIA
Escola de Implementação do Projeto e sua Localização Município da escola	COLÉGIO ESTADUAL EMÍLIO DE MENEZES ARAPONGAS
Núcleo Regional de Educação	APUCARANA
Professor Orientador	ANTONIO TADEU DE CAMPOS BAIROS
Instituição de Ensino Superior	UEL
Relação Interdisciplinar	HISTÓRIA, SOCIOLOGIA E FILOSOFIA
Resumo	<p>Este projeto pretende desenvolver um estudo sobre os pressupostos da Teoria Crítica de Adorno, em específico, sobre o ensino de Filosofia para uma educação emancipadora. Nesse sentido, toma como referência principal a obra <i>Educação e Emancipação</i> e procura relacioná-la com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica. A partir do diagnóstico dessas referências volta-se à demanda de sujeitos inseridos num contexto histórico, onde há relações de dominação social. Daí a importância do ensino de Filosofia, entendido sobre o prisma de uma educação emancipatória e os seus desafios e estratégias na construção de sujeitos como agentes de transformações da realidade histórica e social. Assim, o ensino de Filosofia será orientado para a contradição e para resistência. Esta proposta de investigação será desenvolvida na construção de um material de apoio com o formato de caderno pedagógico, que se dará em vista da sua praticidade no cotidiano escolar, como também em ação pedagógica. Serão desenvolvidas 4 unidades temáticas que se complementarão. Metodologicamente, cada uma delas contemplará momentos como os de mobilização para a discussão filosófica, problematização do tema em questão, investigação do problema levantado, e ressignificação de conceitos, através de atividades propostas a partir das discussões e leituras efetuadas.</p>
Palavras-chave:	TEORIA CRÍTICA, EDUCAÇÃO, ENSINO DE FILOSOFIA, EMANCIPAÇÃO E DEMOCRACIA.
Formato do Material Didático	CADERNO PEDAGÓGICO
Público Alvo:	ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

**SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE**

Manoel Simões Neto

**PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA
FILOSOFIA**

Produção Didático-Pedagógico em forma de Caderno Pedagógico, apresentada como requisito à conclusão da 2ª etapa do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, sob Orientação do Prof. Antonio Tadeu Campos de Bairros, do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

**LONDRINA-PR
2016**

Sumário

Apresentação	5
<hr/>	
Unidade 1: Progresso Técnico e o Retrocesso Social	7
<hr/>	
Unidade 2: Indústria Cultural e Engano das Massas	15
<hr/>	
Unidade 3: Indústria Cultural e Semiformação	22
<hr/>	
Unidade 4: Esclarecimento e Emancipação no Ensino de Filosofia	32

Apresentação

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Este Caderno tem como objetivo, promover junto aos alunos, discussões e investigações a respeito do ensino de filosofia a partir da Teoria Crítica de Theodor Adorno para uma educação emancipadora através de ações didáticas fomentada por leituras, pesquisas e discussões em grupo. Bem como trazer para a grande discussão as contribuições de outras áreas do conhecimento e experiências externas quando possíveis.

O Caderno Pedagógico está dividido em quatro Unidades básicas com o Título que ilustra os objetivos de cada uma delas. A cada início de unidade haverá Provocações aos Grupos ou equipes de alunos com objetivo de instigá-los ao aprofundamento do tema por meio de leituras, imagens, poemas, músicas e filmes.

A Unidade 1: Progresso Técnico e o Retrocesso Social quando se coloca em discussão as transformações que se deram com a utilização dos avanços tecnológicos em relação à sociedade. Discutir como a cultura tecnológica acaba se incorporando ao comportamento humano, nos tornando automáticos e robotizando nossas vidas. A questão à levantar junto aos alunos é se já não estamos vivendo como máquinas, apenas executando funções rapidamente, de forma eficaz e não refletida. Outra questão é que com o avanço tecnológico nossas capacidades de conhecer, imaginar e interagir, não desfaz desigualdades sócio econômicas, mas reforça tensões sociais e que se presta ao fim último de mercantilizar a vida.

A Unidade 2: Indústria Cultural e Engano das Massas tem como objetivo ser uma introdução à problemática das instâncias que controlam a comunicação de massa cuja influência em nossas vidas tem um papel crucial em nosso posicionamento diante do mundo e das coisas.

Como consequência da Indústria Cultural, Adorno e Horkheimer irão constatar que no indivíduo o espírito será destituído de autonomia e reflexão tornando-se presa fácil da ideologia industrial e dos mass media.

Despreparada e sem autonomia, a sociedade de massa consome imagens, discursos e educação, num processo formativo decorrente dos produtos da Indústria Cultural, sem refletir criticamente sobre eles ou seus efeitos.

A Unidade 3: Indústria Cultural e Semiformação pretende analisar a degradação da formação cultural a partir da primeira metade do século XX. Para isso, recorreremos dentre os principais pensadores da Teoria Crítica: Max Horkheimer e Theodor Adorno. O principal objetivo dessa unidade será o de analisar a formação da consciência de massa, a qual é formada por meio dos produtos coisificados e padronizados pela racionalização da técnica e difundidos pela Indústria Cultural.

Refletiremos como se dá a formação de massas, sob a égide do capitalismo, sem, contudo, garantir a formação plena de um indivíduo crítico, reflexivo e emancipado. Assim, a análise sobre formação dos indivíduos se dará sobre dois conceitos básicos da Teoria Crítica: “indústria cultural” voltado para o consumismo e “semiformação” como forma de alienação.

A Unidade 4: Esclarecimento, Emancipação e o Ensino de Filosofia propõe a criação de elementos para reconstruir os principais conceitos que Adorno utiliza em sua Teoria Crítica para fundamentar “a exigência de emancipação através da educação no desenvolvimento da democracia” (ADORNO, 1995, p.169). E que se possa pensar como a educação pode contribuir para a formação de uma verdadeira consciência democrática, desenvolvendo habilidades para o trabalho coletivo e colaborativo para melhoria da qualidade de ensino, em uma sociedade de caráter neoliberal, em que a maioria vive desigualdades sociais como um fato natural.

Unidade 1: Progresso Técnico e o Retrocesso Social



Fonte: oscientistas.files.wordpress.com

Máquina de calcular de Pascal. Como inventor, Pascal introduziu o uso de um disco para a execução mecânica do cálculo. Essa invenção - patenteada com o nome de "La Pascaline" - tornou praticamente possível a estrutura das modernas calculadoras. Disponível em <http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=215&evento=5>

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. (Adorno e Horkheimer, 2006, p.100).

A revolução tecnológica na área da informática vem causando impacto determinante nas relações entre os indivíduos e até mesmo com a própria tecnologia, ampliando nossas potencialidades e redimensionando nossa forma de interação. A tecnologia representa atualmente o modo de vida que se tem na sociedade, na qual a cibernética, automação, engenharia genética, computação eletrônica são alguns dos ícones da sociedade tecnológica que nos envolve diariamente.

Fazendo-se uma reflexão sobre o cotidiano de nossas vidas, o habitual é estarmos sempre muito atarefados cheios de reuniões e compromissos, cada vez mais, de maneira indispensável, sem tempo, sem parada para pensar sobre nossas ações, nossos projetos. Fazemos o que tiver que fazer, de maneira automatizada, como máquinas que obedecem a comandos.

Em tempos de aceleração incontrolável, quem não está conectado, quem não acompanha a velocidade frenética da contemporaneidade é excluído, deletado. Quem não está conectado, estará excluído de maneira cada vez mais

intensa e variada. A relação entre indivíduo e máquina ganhou nova dimensão. Hoje, tecnologias tornaram-se partes integrantes do sujeito e sua extensão para atender às suas necessidades ou carências.

Passamos o tempo todo conectados, diante de uma tela, acessando redes sociais e escrevendo mensagens. As redes sociais praticamente monopolizam a internet; Facebook, Twitter, Instagram, entre outras, criaram uma nação digital paralela, com bilhões de habitantes. No entanto, essas imensas redes que deveriam aproximar as pessoas, criaram um efeito contrário nas relações humanas.

O aumento da comunicação levou a uma diminuição da intimidade e da empatia. A busca pela visibilidade, mesmo que na forma de uma imagem efêmera, é reforçada e medida pelo número de curtidas, o que leva as pessoas, cada vez mais, a tornarem pública sua atividade cotidiana, submetendo-se voluntariamente, ao olhar dos outros. Quais seriam as consequências de interagirmos a maior parte do tempo com sujeitos virtuais? Esse extraordinário poder de interferência, controle e exploração que nos propiciam as técnicas e tecnologias levam a um estado simplesmente desgovernado, de fato imprevisível, e o que consideramos o pior, ao controle social.

Em meio às sociedades tecnológicas atuais, o natural e o biológico estão sendo suprimidos dando lugar a uma cultura cibernética e digital da eficiência, do controle e da informação. A vida humana sob a percepção e jugo da tecnicização indiscriminada, passa a ter cada vez menos significado e vai perdendo o seu valor extraordinário de singularidade. Os determinismos que as tecnociências nos trazem podem ressignificar a realidade, e não há como sabermos se seremos capazes de determinar intencionalmente o nosso futuro. Clonagens, transgenias, hibridações, são apenas algumas das maneiras que encontramos para ressignificar a vida, a potência viva, para enfim reproduzi-la, manipulá-la, explorá-la biotecnologicamente.

Convido você para analisarmos juntos a canção “Admirável Chip Novo”, de autoria da cantora Pitty.

Disponível em <https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/>

A música solicita a individualidade e uma rejeição a tentativas de controle e alienação humana, fato que a compositora explorou criando uma metáfora de robô para o ser humano.

Perguntas:

1. “Admirável chip novo” trata a respeito de que tema e qual a crítica que estabelece à sociedade?
2. Como a obra da cantora Pitty se relaciona com o a teoria de progresso técnico e retrocesso social?
3. Sistema é o termo de uma referência ao status quo, à ordem socialmente estabelecida sobre os papéis individuais na sociedade. Como a ruptura dessa engrenagem social é vista pela cantora, de que maneira afeta o indivíduo?

Ao analisarmos historicamente as técnicas criadas pelo homem, as primeiras (fogo, pedra lascada, etc...) no fim do período neolítico, levaram ao homem a se empoderar diante de uma natureza assustadora, fato esse, que levou o homem tomar ciência de se valer dos recursos naturais, para facilitar suas atividades corriqueiras. Tal empoderamento técnico, revelou a ascendência humana perante os demais seres vivos de maneira definitiva ao longo de sua história.

Para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto. Um após o outro, os comportamentos miméticos, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas, de tal sorte que a ideia de recair neles estava associada ao pavor de que o eu revertesse à mera natureza, da qual havia alienado com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror. (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 37).

Terror esse que parece estar no fim a partir do século XVI, onde a concepção de progresso passa a definir a modernidade a partir de uma racionalidade capaz de superar o medo e a ignorância supersticiosa dominados pelos dogmas medievais.

Se, neste período, o pressuposto da verdade para explicar e interpretar o mundo sob os desígnios divinos, as novas ideias buscavam na razão um método para revelar a verdade a partir do conhecimento humano. O conhecimento assim se define como possibilidade de emancipar o homem da submissão teológica na formulação do pensamento. E o esclarecimento iluminista apresenta-se como promessa de emancipação social pelo uso da razão e domínio da natureza, superando a ignorância e o mito que, a partir da modernidade, seriam arrancados pelo avanço da ciência e da técnica.

O pensamento dominante da modernidade, está no desenvolvimento de uma razão pragmática voltada para produção de instrumentos a fim de superar as limitações humanas, de intervir de forma tecnológica no suprimento de suas necessidades. Essa característica do conhecimento, no entanto, conforma a razão que emergia do universo dogmático em razão instrumental. Isto é, uma racionalidade funcional ajustada às novas formas de o homem dominar a natureza, de maneira a transformá-la como nunca anteriormente se havia experimentado.

Ocorre uma ruptura das determinantes divinas sobre a natureza e o homem passa a estabelecer, pelo conhecimento racional, uma capacidade de transformar a natureza em seu benefício.

A filosofia do iluminismo também sofreu a influência da revolução científica levada a efeito por Galileu no século XVII. O método experimental recém-descoberto teve a técnica como aliada, expediente que fez surgirem as chamadas ciências modernas, posteriormente, a ciência seria responsável pelo aperfeiçoamento da tecnologia, que provocou no ser humano o desejo de melhor conhecer a natureza para dominá-la. (Aranha e Martins, 2009. p.180)

O pensamento de Francis Bacon (1561-1626) constitui historicamente uma das fundamentações na qual a razão se desvia da reflexão para se tornar uma racionalidade técnica.

Rumo ao Iluminismo a razão, como promessa de produzir conhecimento para o progresso e a emancipação humana, elimina os mitos e superstições, transformando-se na própria razão da dominação social.

Roland Desne assim explica a exaltação do poder humano nesse período:

[...] a segurança do filósofo é a segurança do burguês que deve à sua inteligência, ao seu espírito de iniciativa e de previdência, o lugar que tem na sociedade[...] A emancipação do homem, na qual Kant vê o traço distintivo do Iluminismo, é a emancipação de uma classe, a burguesia, que atingiu sua maioridade. (DESNE, apud. CHÂTELE, s.d, p.74)

O surgimento da primeira fase da Revolução Industrial, com suas bases pragmáticas e experimentais do conhecimento científico, derivado de uma racionalidade aplicada à técnica, deu suporte para a crença de que no progresso tecnológico estaria embutida a emancipação humana. Porém, era uma razão técnica, somente instrumental, que excluía da razão a condição da reflexão, e tal fenômeno se deu não somente ao domínio do homem sobre a natureza, mas ao domínio da própria natureza humana. Convertida em racionalidade técnica, a racionalidade que supre esse modelo de desenvolvimento e progresso acabou gestando a irracionalidade dos mecanismos de controle pelos quais se sustenta no capitalismo.

A análise sobre a natureza das relações estabelecidas entre tecnologia e o modelo de organização social ao qual ela se integra, acabam reforçando uma apologia sobre as novas tecnologias.

Como confirma o professor Rodrigo Duarte:

O esclarecimento queria dissolver os mitos e desbancar a credence através do conhecimento, oriundo do medo ancestral do homem diante das ameaçadoras forças naturais, se corporificou no conceito moderno de técnica, que não tem objetivo a felicidade do gênero humano, mas apenas uma precisão metodológica que potencialize o domínio sobre a natureza. (DUARTE, 2002, p. 27).

Miranda cita que para alguns pensadores da atualidade como Robert Kurz, Ramonet, Boaventura Santos, vivemos hoje o 'colapso da modernização'. A começar pela própria confiança absoluta na ciência que emanciparia o homem de toda escravidão, obscurantismos e medo.

De fato, isso não ocorreu, o que constatamos hoje é a escravidão do próprio homem pelas suas invenções e descobertas tecnológicas, só possíveis graças à aliança entre ciência e técnica”. (MIRANDA, 2002, p. 56).

Miranda ainda acrescenta, “nunca na história da humanidade tantas pessoas morreram de fome, na miséria ou pela violência, cujos dados são apontados por Boaventura”. (Ibidem, p. 22). Miranda também expõe a opinião de Hobsbawn ao falar sobre a história do século XX, o qual considera que vivemos a “era dos extremos”, devido aos paradoxos que se nos apresentam. A começar pelo próprio avanço tecnológico de um lado e o extermínio de culturas e povos (seja pela miséria, seja pela guerra) de outro. (Cf. MIRANDA, 2002, p. 56).

A tecnologia tem multiplicado e transformado qualitativamente o poder de produzir e destruir, de curar e depredar, de ampliar a cultura dos seres humanos e de gerar riscos para a vida, sendo que esse poder associado aos perigos está distribuído social e regionalmente, de maneira muito desigual. Dessa maneira a ciência e a tecnologia têm feito que o poder se fixe nas mãos de alguns seres humanos. Vive-se num mundo em que a tecnologia representa o modo de vida da sociedade, na qual a cibernética, automação, engenharia genética, computação eletrônica são alguns dos ícones da sociedade tecnológica que nos envolve diariamente.

Quando se coloca em discussão sobre a utilização dos avanços tecnológicos, em relação à sociedade e suas transformações, muitas dúvidas ainda se apresentam. É possível saber com total clareza as consequências tanto favoráveis quanto prejudiciais que a ação humana na natureza pode ocasionar? Nota-se que o progresso tecnológico é usado em prol dos interesses do sistema capitalista contrapondo às necessidades básicas da população, fazendo que o aumento da produção de novas tecnologias sejam diretamente proporcional ao aumento das diferenças sociais, tornando-as, assim mais difícil de reverter e superá-las.

As ciências e a tecnologia antepõem as necessidades dos representantes das classes dominantes às necessidades da maioria, de modo que somente uma pequena parte possa usufruir desses produtos e do lucro gerado por estes. Para que o bem-estar geral é o que se quer, é necessário uma reforma nos critérios usados para o desenvolvimento científico, tecnológico, e econômico. Tais critérios

devem ser formados com base na responsabilidade social, individual e coletiva, e não mais se baseando nos velhos sistemas econômicos, políticos e morais.

Por isso, a urgente necessidade de se proporcionar uma educação onde a tecnologia não seja excludente, mas interativa e contextualizada diante das relações entre ciência, tecnologia e sociedade, com políticas públicas mais adequadas para direcionar às oportunidades dentro de um contexto sócio-ambiental harmônico.

Atividade Reflexiva:

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgNpQAD/temas-filosofia-maria-lucia-arruda-aranha?part=10>

Sugestões de vídeos:

1. Animação sobre evolução das tecnologias da comunicação

<https://www.youtube.com/watch?v=im6TpFHK2Ps>

2. Evolução da Tecnologia

<https://www.youtube.com/watch?v=eJTQGym1HI4>

3. Desenvolvimento científico-tecnológico e sociedade

<https://www.youtube.com/watch?v=bXFWuVP6gzI>

Clipes Musicais:

1. Pitty - Admirável Chip Novo

https://www.youtube.com/watch?v=aXJ_Ub1xbhw

2. What I've Done (Official Video) - Linkin Park

<https://www.youtube.com/watch?v=8sgycukafqQ>

Bibliografia:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ARANHA, Maria L. de A.; MARTINS, Maria H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

CHÂTELE, Francois (Org.). **História da Filosofia**: ideias, doutrinas, v.4 Rio de Janeiro, s.d.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MIRANDA, A. L. **Da natureza da tecnologia**: uma análise filosófica sobre as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da tecnologia moderna. 2002, 161 págs. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR).

RUSSELL, Bertrand. **A perspectiva científica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969

Unidade 2: Indústria Cultural e Engano das Massas



Fonte: <http://maisvaleoqueeseraufc.files.wordpress.com/2012/04/charge-meia-entrada.jpg>

Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.100)

Quando ouvimos falar da palavra cultura e de temas relacionados a ela, os termos podem significar coisas bem diferentes do nosso entendimento. No dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano cultura tem dois significados: o primeiro direcionado à formação do homem, sua melhoria e seu refinamento. O segundo indica o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização. O segundo significado ocorreu no século XVIII por obra da Filosofia iluminista de Immanuel Kant, onde destaca:

“Num ser racional, cultura é a capacidade de escolher seus fins em geral (e portanto de ser livre). Por isso só a cultura pode ser o fim último que a natureza tem condições de apresentar ao gênero humano”. (ABAGGNANO, 2007, p. 225)

Kant propõe a possibilidade de pensar que estamos aqui tratando de inúmeras condições e variantes que compõem o processo social. Estamos aqui tratando de arte, religião, mídia; da construção histórica e da popularidade que

essas situações impõem. Pois, cultura está diretamente dependente da vida social, algo que enraíza e determina em todos os aspectos que a formam. A vida social está impregnada de determinados fatores, que direcionam as ações do indivíduo e dos grupos aos quais o indivíduo pertence. Pensar cultura, é pensar o indivíduo em sua totalidade.

Atividades prévias:

Vamos construir um painel. Para isso, os alunos trarão recortes de jornais com notícias que falem sobre “cultura”.

Questões reflexivas

1. O que é cultura?
2. Que manifestações culturais existem em nossa região?
3. Essas manifestações conferem a nossa região uma identidade local? Se sim, essa identidade representam a ideia de identidade de cultura nacional?
4. Relacione a ideia de cuidado com as manifestações culturais que você conhece.
5. Existe uma cultura brasileira ou existem várias culturas que formam o Brasil? Justifique sua resposta.
6. Com a expansão e popularização do acesso à internet, podemos falar em Cibercultura? Qual a sua opinião sobre esse fato?

Do conjunto de ensaios que integram a *Dialética do esclarecimento* (1947), obra conjunta de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, na qual a expressão indústria cultural aparece pela primeira vez em um texto filosófico intitulado “A indústria cultural – o esclarecimento como mistificação da massa”, justamente para anunciar como as forças do mercado capitalista adaptam a cultura nas sociedades massificadas.

Tais premissas, levam a um tipo de percepção baseada a partir de um desenvolvimento histórico, considerando uma racionalidade instrumental do homem sobre a natureza e sua manipulação. Pressupostos esses que entendem a massificação da cultura como componente funcional para garantir a dominação social.

Especialmente no século XX, o desenvolvimento técnico e administrativo aliados à concentração econômica em alguns países da Europa e da América, criaram as condições favoráveis para a ampliação da produção e do consumo de artigos, bens e serviços, inclusive a criação de meios de comunicação que correspondessem às necessidades sociais à época.

Deste modo, a ideia de um “meio”, que permitisse a comunicação em larga escala, ganhou forma. Ao dizer, que vivemos numa sociedade midiática, referimo-nos ao fato de que, no mundo atual, mais do que em qualquer outra época, a mídia tem um papel fundamental nos processos de interações sociais.

No mundo em que vivemos onde o capitalismo globalizado influencia a economia de mercado, os demais setores da vida em sociedade como a cultura e a política, muitas vezes se tornam mercadorias. Tal fenômeno pode ser observado com o desenvolvimento de um aparato técnico-industrial dos meios de comunicação, cuja a característica principal está no seu modo de produção, distribuição e exploração sistemática de artigos culturais direcionados para o consumo das massas, com uma produção em grande escala de produtos culturais, sendo direcionados para os programas de TV, de rádio, músicas, jornais impressos, livros, revistas, esculturas, quadros, sites, cinemas, etc.

Por isso, os chamados *mass media* (os responsáveis pelos produtos culturais) são capazes de absorver e transformar ideias e criações originais em produtos simplificados e uniformes, de maneira que todos assistem, ouvem e leem as mesmas coisas. Podendo, não raro, estar repletos de valores políticos, ideológicos e religiosos escondidos.

A intencionalidade de produzir cultura simplificada surge para que todos, independentes de classes sociais, de idades e sexo, possam compreender e consumir, ou seja, produtos culturais intencionalmente empobrecidos para o consumo em larga escala. Para tal, as manifestações culturais são transformadas em mercadorias, que podem ser comercializadas. De fato, atualmente, como aponta Teixeira Coelho, “o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa” (COELHO, 1993, p.6) inclusive a cultura.

Nesse tipo de sociedade dominada pelos meios de comunicação, os indivíduos não precisam refletir, estabelecer conexões, sínteses e análises. A dominação moderna se efetiva por intermédio dos *mass media* e de suas técnicas culturais. Onde o psiquismo do indivíduo sofre uma violência ao ser impedido à autodeterminação. A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. (Cf. ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 105).

Adorno escreve um aforismo notável sobre as consequências da falsa identidade, em que, hoje, *self-conscious* significa apenas a reflexão do eu como perplexidade, como percepção da impotência: saber que nada se é. Em muitos homens é já uma falta de vergonha dizer eu. (Cf. ADORNO, 1951, p.40) Em outras palavras, a modernidade na era industrial constituiu uma subjetividade de caráter instrumental, que cria a impossibilidade de reflexão sobre as próprias condições de limitação da situação vigente.

A cultura de massa que surge numa época assim não poderia, portanto, deixar de ter uma dimensão reificada e alienada. Rodrigo Duarte afirma:

Horkheimer e Adorno se apropriaram do conceito de esquematismo de Kant no sentido de mostrar em que medida uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada no sentido de proporcionar rentabilidade ao capital investido, usurpa dele a capacidade de interpretar os dados fornecidos pelos sentidos. (DUARTE, 2003, p. 54).

Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. (Adorno e Horkheimer, 2006, p.103.)

Adorno e Horkheimer, ao tratar do “problema da cultura de massa”, começam a empregar o termo indústria cultural, procurando definir algo que não brota espontaneamente das massas. Ela brota das classes dominantes e atinge a massa. Tudo é planejado para ser aceitável ao grande público, de modo a tornar a vida mais suportável.

Todavia, a indústria cultural permanece na indústria da diversão. Acontece que “ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo”. (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 112). Nas palavras de Adorno e Horkheimer, trata-se de um jogo de sedução que apenas faz permanecerem vivas as desigualdades sociais e a alienação.

Ainda de acordo com os filósofos da Escola de Frankfurt, a felicidade proporcionada pelo cinema e pela televisão, pelas músicas nas rádios e, atualmente, pela internet, é enganadora. Ela é produzida por uma indústria e está a serviço da padronização de comportamentos, não tendo a espontaneidade que se espera de qualquer manifestação cultural.

Nesse quadro, também a cultura – feita em série, industrialmente, para um grande número – passa a ser vista não como instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa.

Exercício: Relação entre Cultura e Mercado

A sala será dividida em dois grandes grupos. O primeiro grupo deve representar em sala elementos culturais da região (a apresentação pode ser através de teatro, músicas, vestimentas, artesanato, linguajar ou amostragem de símbolos). O segundo grupo vai analisar e comparar os elementos regionais trazidos com os elementos que estão, ou são, evidenciados pelos meios de comunicação.

Tome objetos como aparelhos eletrônicos, roupa, construção, carros e mostre como esses elementos são próprios de uma cultura massificada.

Perguntas:

1. Como a cultura popular pode sobreviver diante dos diferentes processos de massificação?
2. Escreva sobre alguma manifestação cultural local que fora massificada e transformada pela indústria cultural.
3. Vamos pensar sobre o nosso país. O Brasil sofre influência cultural de outros países? Podemos afirmar que há uma dominação cultural em nosso território?
4. Existe alguma estratégia governamental para garantir um modo de pensar a cultura em nosso país?
5. A cultura se transformou em produto mercadológico?
6. Como pensar “cultura local” em tempos de globalização e conexão à Internet?

A indústria cultural promete um prazer nunca atingível. O que ela oferece é a diversão e o entretenimento, que significa estar de acordo com os ditames sociais. Assim, Adorno e Horkheimer consideram que a liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. Eles entendiam os meios de comunicação como uma ferramenta usada pela burguesia para alienar os trabalhadores, ou seja, fazer com que a classe trabalhadora se sentisse iludida, seduzida por um mundo de fantasias e esquecesse o mundo real onde eram explorados.

Atividade : Análise Filosófica por meio de Música

Titãs

Televisão (Arnaldo Antunes; Marcelo Fromer e Tony Belloto,1985).

<https://www.youtube.com/watch?v=3pGwzJuiVv4>

Questões reflexivas:

1. Quais as críticas ao comportamento do ser humano de nossos dias que estão presentes na letra da música "Televisão"?
2. O que a letra pretende afirmar quando menciona que "todas as coisas que eu penso me parecem iguais"? Poderia ser este um fenômeno da cultura de massa?
3. O que seria a "luz do sol" e as "cortinas fechadas" na música?
4. "Agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais..." Quais são as jaulas da indústria cultural que encontramos em nossa realidade.
5. A música foi escrita em 1985. Ela ainda traz uma reflexão atual? Justifique sua resposta.
6. A televisão é um elemento cultural. Mas é popular ou de massa?

Hoje em dia, temos bons programas que incentivem o pensamento?

Não deve ser fácil selecionar o que assistir na Tv, ler e escutar. Algo que acrescente na vida das pessoas. Fugir do sensacionalismo, do modismo, das tragédias, da violência e a corrupção. Poucos programas de TV, assim como músicas ou até mesmo, livros e revistas conseguem despertar o pensamento, a indagação. Vamos fazer uma pesquisa e depois compartilhar, buscar programas com mais conteúdos, leituras e músicas que estimulem a reflexão, o debate, o raciocínio. Vale a pena tentar e se surpreender. Faça uma lista indicando o nome dos programas que você julga ser bom para refletir, indicando o horário e dias em que são apresentados, para podermos compartilhar.

Sugestões de vídeos:

1. A História Secreta da Obsolescência Planeada [Legendado PT]

<https://www.youtube.com/watch?v=o0k7UhDpOAo>

2. A Servidão Moderna | Completo DUBLADO HD Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=Ybp5s9ElmcY>

3. Cultura, arte e indústria cultural

<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=12378>

Clipes Musicais:

1. Terceira do Plural - Engenheiros do Hawaii Acústico MTV

<https://www.youtube.com/watch?gl=BR&hl=pt&v=tVQu5CZeE8M>

2. Engenheiros Do Hawaii - Ninguém=Ninguém

<https://www.youtube.com/watch?v=59jdPIsP0ts>

3.. Titãs - A Televisão

<https://www.youtube.com/watch?v=3pGwzJuiVv4>

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ADORNO, Theodor W.. **Minima Moralia**. Portugal: Edições 70, 1951. Disponível em: <<http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural** (Coleção Primeiros Passos). Editora Brasiliense, 1993. Disponível em: <https://presolidariedade.files.wordpress.com/2012/01/o-que-c3a9-industria-cultural.pdf>. Acesso em 14 de dez.2016.

DICIONÁRIO Houaiss da **Língua Portuguesa** Disponível em: <https://www.dicio.com.br/midia-2/> . Acesso em: 14 de outubro. 2016.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Coleção Humanitas)

TIBURI, Márcia e DUARTE, Rodrigo. (orgs.) **Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: Editora Injuí, 2009. (Coleção Filosofia, 27)

Unidade 3: Indústria Cultural e Semiformação



<https://i.ytimg.com/vi/ciXtiEt-ZpE/hqdefault.jpg>

É possível que inúmeros trabalhadores, pequenos empregados e outros grupos, graças à sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada, não caiam nas malhas da semiformação. Porém, estas são tão fortes a partir da produção, seu estabelecimento está tão de acordo com os interesses decisivos e se adequam tanto às manifestações culturais atuais, que sua representatividade se impõe, mesmo sem a chancela da estatística. (ADORNO, 2005, p. 7).

Foram os pioneiros da escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, que elaboraram o conceito de “Indústria Cultural”, indicando tanto a exploração comercial quanto a banalização da Cultura, como a ideologia resultante da dominação técnica sobre a natureza. De maneira geral, eles se referiam às indústrias interessadas na produção em massa de bens culturais. Havia uma necessidade de tal conceito, “Indústria Cultural”, substituir “cultura de massas”, uma vez que cultura de massas poderia levar a uma ideia equivocada de uma cultura espontaneamente popular, vinda “das massas”. Adorno explica que o termo “cultura de massa” foi substituído por indústria cultural “a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular”. (ADORNO, 1986, p. 82).

Na metade do século XX, a industrialização da cultura atinge a sociedade de massa na forma de itens para o consumo. A indústria cultural, que difundia a chamada cultura de massa, adaptou-se aos supostos desejos dos consumidores, provocando a inclusão do indivíduo em uma realidade social racionalizada e passível a manipulações, influenciando suas necessidades e impedindo qualquer possibilidade de reação.

A estratégia principal que a indústria cultural deseja promover está em uma aparência de liberdade que procura eliminar conflitos de classes, ocultos no capitalismo e que servem como instrumentos de dominação cultural e intelectual das grandes massas, determinando e controlando a totalidade da vida humana em sua formação social.

Leo Maar ressalta que a indústria cultural provoca o bloqueio da realidade e dos ideais de liberdade da humanidade, de modo que a aparência idealizada da realidade substitui a realidade efetiva com o objetivo de evitar confrontos. (Cf. MAAR, 1997, p. 45)

A livre escolha entre uma ampla variedade de mercadorias postas à disposição de consumidores incapazes de pensar estas escolhas – bem como incapazes de notar que na realidade não existe, efetivamente, qualquer escolha – não significa liberdade se tais serviços existem para sustentar a alienação.

Cria-se, então, a ideia de uma formação cultural democrática, onde o consumo de seus produtos padronizados, de fácil acesso à sociedade de massa, “formada” por bens “culturais” neutralizados e petrificados, leva a desenvolver valores de consumo imediatos, mantendo a distância em relação às reais criações artísticas.

As necessidades criadas por essa sociedade tornam-se falsas por serem superimpostas por interesses particulares. E por mais que tais necessidades se tenham tornado próprias do indivíduo, elas assim mesmo não podem ser consideradas verdadeiras, porque não provêm de uma consciência autônoma.

Vamos pensar um pouco sobre o poema:

EU, ETIQUETA

[Carlos Drummond de Andrade](#) ANDRADE, C. D. Obra poética, Volumes 4-6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

<https://pensador.uol.com.br/frase/MjAyODM0/>

Esse poema apresenta, literariamente, alguns dos conceitos apresentados nessa aula. Releia-o e procure explicar como Drummond apresenta as noções de:

a) reificação:

b) fetichismo:

c) alienação:

Com isso, a formação proporcionada por essa consciência de massa, passa a ser coisificada como produto de mercado, deixando de ser um bem cultural e passando a ser mais um item para a comercialização. Essa formação cultural, segundo Adorno, se converteu em seu contrário, pois a formação cultural é uma formação para vida, para o espírito e não para mercado de trabalho. Porém, no mundo capitalista em que vivemos, tudo nos conduz para ele.

Adorno esclarece:

Por inúmeros canais, se formam às massas, bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se consegue ao ajustar o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura... (ADORNO, 2005, p. 6).

Com os interesses econômicos voltados para a reprodução das massas, a sociedade de massa encontra-se desprovida de esclarecimento histórico, cultural, social e de pensamento reflexivo. A emancipação e a autonomia do indivíduo tornam-se quase impossível. Fica evidente que a Indústria Cultural não possui interesse na execução da formação emancipatória das massas, pois todos os produtos que circulam pelos *mass media* estão impregnados de falsa consciência autônoma. “Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia.” (ADORNO, 2005, p. 5).

A falta de compreensão da sociedade de massa em relação aos bens culturais, e, portanto, a fácil aceitação dos produtos padronizados, pela sociedade de massa representa, para a formação dessa classe, o atrofiamento de sua consciência, sua formação não garante condições de interagir junto à elite, pois torna-se fragmentada e reificada na ideologia dominante. O acesso e o consumo desses bens não proporcionam a esses indivíduos a elaboração e formação de uma consciência emancipada e crítico-reflexiva –, e sim a semiformação, que resulta na permanência no estado de minoridade.

A alienação do sujeito não ocorre apenas pelo aprisionamento do espírito, mas todos os seus sentidos são reduzidos e aprisionados pela racionalidade, que na verdade é em si mesma irracional. Os sujeitos formados pela semiformação perdem a capacidade de escolha, de oposição e de renúncia ao pensamento crítico-reflexivo. Ou seja, a Indústria Cultural faz com que, no lugar de servir para melhorar o atraso cultural de milhões de pessoas, venha servir no atual estado de coisas para perpetuação da miséria espiritual.

Assim, a semiformação não permite que os indivíduos desenvolvam plenamente suas potencialidades para poderem colaborar para a transformação da realidade social em que estão engendrados, pois lhes falta o momento emancipador, tornando-se impossível o homem contemporâneo experimentar o mundo de maneira autônoma. Como lembra Adorno: “a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual.” (ADORNO, 2005, p. 2).

Hoje a estratégia de controle é mais sutil e por isso mesmo definitiva: aniquila-se a consciência e a capacidade de reação não mais pela insuficiência material, mas pela superabundância. A identificação dos indivíduos com sua sociedade e a satisfação que eles encontram em sua própria servidão não é uma ilusão, ela é absolutamente real, constituindo uma etapa ainda mais avançada de alienação.

Atividade sugerida: Leia e ouça a música Admirável Gado Novo de Zé Ramalho e depois responda as questões:

<https://www.lettras.mus.br/ze-ramalho/49361/>

Exercícios:

1. A letra da música “Admirável gado novo” faz uma comparação entre o gado e o homem. Por que, na sua opinião, o autor faz essa relação?
2. Na primeira estrofe ocorre referência sobre as dificuldades que um povo – massa – vive. Para o autor, o que é “duro para a massa”?
3. Com base na letra, de que o povo foge?
4. Na terceira estrofe há referência a sonhos. Com o quê o povo sonha?
5. De onde o povo contempla a vida, de acordo com o compositor?
6. Você concorda com o ponto de vista expresso pelo autor em sua música? Justifique sua resposta.

O conteúdo ideológico da semicultura, no processo de formação da consciência da sociedade de massa gerará a alienação em relação à realidade social que a envolve. A sociedade de massa, verdadeiro e único alvo dessa formação, obtém apenas a semiformação e, com ela, a permanência no estado de ignorância – ou alienação. A mesma não proporciona a emancipação dos indivíduos; nas palavras de Adorno:

A ideia de formação está predestinada a isso porque, analogamente à alucinação racial, exige do indivíduo apenas um mínimo para que alcance a satisfação do narcisismo coletivo: basta a frequência a um certo colégio ou instituto, ou, ainda, a simples aparência de se proceder de uma boa família. A atitude em que se reúnem a semicultura e o narcisismo coletivo é a de dispor, intervir, adotar ares de informados, de estar a par de tudo. (ADORNO, 2005, p. 14 e 15).

Adorno enfatiza que “a formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede”. (ADORNO, 2005, p. 2). Com isso, aponta que a cultura na sociedade

contemporânea se converte em semicultura e a formação, em semiformação, impossibilitando a formação da consciência emancipada, autônoma e reflexiva.

A formação diz respeito a um indivíduo livre, consciente de si mesmo e de sua cultura, que atua na sociedade por meio dessa consciência e em coletividade. Somente um sujeito universal, autônomo, estaria livre da barbárie – é preciso buscar a condição humana, pois somente quando se instaura a condição humana se instaura a civilização, a cultura, a formação humana.

Para Adorno é preciso educar para ler imagens de forma crítica, educar para ver televisão, para confrontar-se com a mídia, com a propaganda, com o mundo na sociedade capitalista, absolutamente ideologizado. Ao se refletir sobre a ideologia contida na cultura e na arte compreende-se que na indústria cultural não há processo formativo, há semiformação.

A ideia de democratização de acesso aos bens culturais, acaba diluindo a diferença existente entre arte séria e arte leve. Entre a fruição de música erudita ao vivo, e a transmissão via rádio há diferenças importantes que não podem ser apagadas nem com a ideia de democratização muito menos de reacionarismo. A fruição de música erudita ao vivo ainda exigia do público certa atividade, atenção, entendimento, trabalho do conceito; a audição pela rádio dispensa tudo isso, fazendo uso da dispersão, do entretenimento.

A sociedade de massa tem sua formação social definida pelas relações de dominação existentes no capitalismo, onde se configura em sua totalidade as condições subjetivas de reprodução da vida dos homens. A semiformação seria a forma social da subjetividade determinada nos termos do capital.

Exercícios:

QUESTÃO 01 (NFG)

TEXTO I	TEXTO II
<p>A sociedade tecnicista faz triunfar os valores da massificação da cultura e o nivelamento por baixo entre os indivíduos, pois o ato de despertar da singularidade é considerado prejudicial para a manutenção da ordem pública, que se sustenta pela homogeneização dos comportamentos e qualidades humanas. Por conseguinte, vive-se sob o império moralista da "igualdade</p>	<p>Tem dias que a gente se sente Como quem partiu ou morreu A gente estancou de repente Ou foi o mundo então que cresceu... A gente quer ter voz ativa No nosso destino mandar Mas eis que chega a roda viva E carrega o destino prá lá ...</p>

<p>absoluta", pois nesse sistema de padronização extrínseco da vida humana é considerado como algo moralmente indecente a singularização individual.</p> <p>BITTENCOUR, Renato Nunes. O advento do homem-massa.</p>	<p>Roda mundo, roda gigante Roda moinho, roda pião O tempo rodou num instante Nas voltas do meu coração...</p> <p>A gente vai contra a corrente Até não poder resistir Na volta do barco é que sente O quanto deixou de cumprir Faz tempo que a gente cultiva A mais linda roseira que há Mas eis que chega a roda viva E carrega a roseira prá lá...</p> <p>Roda mundo, roda gigante Roda moinho, roda pião O tempo rodou num instante Nas voltas do meu coração...</p> <p>HOLANDA, Chico Buarque. Roda Viva.</p>
--	--

Ao se comparar os dois textos acima, podemos afirmar que:

- (A) Os textos I e II tratam da falta de igualdade econômica nas grandes cidades que, por girarem como rodas vivas, impelem as pessoas a consumirem sempre mais.
- (B) Os textos I e II tratam da perda do sentido coletivo nas sociedades de consumo, voltadas mais para o indivíduo do que para o homem-massa.

(C) Os textos I e II tratam da cultura das grandes cidades que, em vez de se voltarem para o consumo de massa, são cada vez mais singulares.

(D) Os textos I e II tratam da indecência dos comportamentos coletivos nas grandes cidades que, como rodas vivas, seguem o ritmo ditado por alguns indivíduos consumistas.

(E) Os textos I e II tratam da perda de singularidade ocasionada pela roda viva da massificação existente nas sociedades de consumo.

QUESTÃO 02 (ENADE 2008)

A foto a seguir, da americana Margaret Bourke-White (1904-71), apresenta desempregados na fila de alimentos durante a Grande Depressão, que teve início em 1929.



STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte Comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro [s.d.].

Além da preocupação com a perfeita composição, a artista, nessa foto, revela:

- (A) a capacidade de organização do operariado.
- (B) a esperança de um futuro melhor para negros.
- (C) a possibilidade de ascensão social universal.

(D) as contradições da sociedade capitalista.

(E) o consumismo de determinadas classes sociais.

Questão 03: “ Adão e Eva”, O mito de Prometeu” e o Castigo dos Deuses...

Texto 1:

Tanto na tradição judaico-cristã como na Mitologia Grega os homens foram castigados por Deus ou pelos deuses devido à sua audácia, curiosidade e ambição desmedida. As divindades deixaram claro que os homens tinham seus limites e que avançá-los poderia trazer consequências terríveis. No livro Bíblico do Gênesis, Adão e Eva foram castigados com trabalhos pesados, dores, doenças e a morte. E se Abel procurou apaziguar a ira divina com oferendas (tentativa de suborno?) de sua rica colheita, logo apareceu o invejoso Caim para matá-lo. Afinal, por que o irmão tivera uma bela safra enquanto ele não? Por que alguns podem usufruir do bom e do melhor enquanto muitos recebem migalhas ou passam fome? Que Deus justo é este? Estava estabelecida a competição de mercado entre os homens! E para compensar os bons, foi-lhes prometida a devolução do Paraíso, mas somente no outro mundo. Neste mundo, os prazeres da carne e dos sentidos sempre são interrompidos pelo inferno das dívidas dos cartões de crédito e dos altíssimos juros bancários, principalmente no Brasil! Afinal, há uma lenda de que o “Jardim do Éden” era aqui. Ficaram as serpentes.

Texto 2 :

No mito de Prometeu, os homens que haviam sido condenados desde o seu nascimento aos tormentos e ao trabalho penoso e não tinham, pra nutrir-se, senão frutas cruas e carnes sangrentas, resolveram, na figura do Titã Prometeu, enganar os deuses e “aproximando-se das forjas abrasadoras de Hefestos, roubou uma centelha que fundia os metais. A humanidade, desde então, conheceu com o fogo a felicidade de viver melhor, de comer um alimento menos selvagem, de aquecer-se, de receber a luz. Mas, esquecendo-se de seus deveres e julgando-se iguais aos deuses, os homens foram punidos por Zeus, que mandou Hefestos amarrar Prometeu em alto rochedo escarpado, onde todos os dias uma águia ia devorar seu fígado imortal, que se regenerava durante a noite”.

Mas, como ninguém é de ferro, o castigo que deveria durar mil anos foi abreviado por Zeus para apenas trinta, perdoou Prometeu e permitiu que fosse introduzido entre os bem-aventurados.

Por meio da leitura dessas duas narrativas bem-humoradas, procure refletir junto dos colegas, as situações em que o consumo exacerbado de mercadorias pode levar as pessoas e sociedades a situações em que as consequências são prejudiciais aos indivíduos, às comunidades e ao meio ambiente. Se o consumo

pode nos trazer a sensação de “paraíso”, é também certo que o consumismo pode nos levar para o “inferno”. Se os bens de consumo nos trazem mais conforto e bem-estar, o seu mau uso ou abuso também nos traz o vazio, a mercantilização da vida, as doenças (obesidade, dependência química ... depressão).

O mundo do consumo promete maravilhas a todos, mas traz consigo uma contradição. Faz parte da lógica do mercado escolher quais pessoas consumirão e o quê. Se todos pudessem comprar tudo, não haveria meios para satisfazer tamanha demanda; e os recursos para produzir “tudo” seriam insuficientes; nem haveria interesse dos consumidores, pois as mercadorias deixariam de possuir o valor simbólico de diferenciação social, de status. Se por um lado o consumo diferencia as pessoas, de que maneira o consumo reafirma a desigualdade social?

Leitura Complementar:

O fundamento da manipulação

O pressuposto frankfurtiano de uma manipulação da massa pelos meios de comunicação sustenta uma visão de mundo elitista e preconceituosa

Por Clóvis de Barros Filho, professor de Ética da ECA/USP e Conferencista do Espaço Ética.

<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/58/artigo214632-1.asp>

Sugestões de vídeos:

1. A história das coisas.

<https://www.youtube.com/watch?v=xagIF9jhZLs>

2. As Dez Estratégias de Manipulação das Massas de Noam Chomsky

<https://www.youtube.com/watch?v=xBVUBJXWXWY>

3. Meios de comunicação de massa - Influência e manipulação

<https://www.youtube.com/watch?v=Gln1ZcoM9Rs>

4. Aldous Huxley - Admirável Mundo Novo

<https://www.youtube.com/watch?v=2cF-GW0TQkl>

Clipes musicais:

1. Zé Ramalho - Admirável Gado Novo

<https://www.youtube.com/watch?v=YwqoeKlaJQs>

2. Eu, Etiqueta - Carlos Drummond de Andrade por Paulo Autran

<https://www.youtube.com/watch?v=2MP3FnQFCYk>

Bibliografia:

ADORNO, T.W. **Teoria da Semicultura** Primeira versão. Porto Velho - Ro, Edufro: Editora Universidade Federal de Rondônia, 2005.

CARVALHO, M. **Teoria Crítica. Coleção XVI Encontro ANPOF**: ANPOF, p. 47-55, 2015. Tiago Rodrigues Araujo.

Educação & Sociedade: **Revista de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade** – Vol. 1, n.1 (1978) São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, 1978.

MAAR, W. L. **A formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural**. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). A educação danificada: contribuições a teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997

PUCCI, B. **A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação**. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). A educação danificada: contribuições a teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

ZUIN, A. A. S. **A indústria cultural e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global**. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). A educação danificada: contribuições a teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

Unidade 4: Esclarecimento, Emancipação e o Ensino de Filosofia



http://2.bp.blogspot.com/-F1Oj006Wvc4/UC9xGLT86EI/AAAAAAAAAU8/Um661b_cN_E/s1600/c28+bruno+g%C3%B3is.jpg

... justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. (ADORNO, 1995, p.185)

Na obra de Theodor Adorno, publicada sob o título de *Educação e Emancipação*, na qual são reproduzidas algumas conferências e conversas radiofônicas com Hellmut Becker e Gerd Kadelbach, da década de 1960, encontramos uma manifestação pública de seu entendimento sobre as relações entre educação, emancipação e política.

Parece importante considerar a lógica organizada da sociedade capitalista, que de fato tem transformado a consciência dos homens em uma nova ideologia de caráter neoliberal. Criada pelo capitalismo e pelo desenvolvimento da tecnologia, em que o mercado é transformado no principal mediador das relações sociais, uma vez inserida nesse processo, as nações passam a adotar os valores do sistema globalizado, conseqüentemente a implementar o mesmo modo de produção e a valorizar as mesmas tendências culturais e manter o mesmo estilo de consumo.

Centrada na competição, a economia de mercado promove a redução do homem a um simples produtor e consumidor. Ampliam-se, desse modo, símbolos globais de consumo que evidenciam uma crise na formação cultural dos indivíduos, fenômeno social que anuncia a morte do sujeito livre e autônomo.

Dentro desse quadro, a construção da individualidade não está consolidada em planos coletivos embasados na efetivação das diferenças e no convívio democrático, mas, ao contrário, na exclusão do outro e até, em casos extremos, na supressão do outro. Pode-se concluir, portanto, que a disposição de admitir, nos

outros, modos de pensar, de agir e de sentir se estabelece apenas para aqueles que se reconhecem como iguais em estilos de vida globalizados.

As implicações do desenvolvimento no século XX do capitalismo e sua consequente revolução técnico-científica-informacional produziram uma nova realidade cultural que se impõe a todos novos consumidores no desenvolvimento de uma indústria da produção cultural. O resultado desse processo é a formação de uma consciência de massa consumidora, cujos mecanismos de controle reduzem a possibilidade de qualquer exercício de autonomia e liberdade dos indivíduos.

Trata-se na visão de Adorno do conceito de heteronomia, que em outras palavras se relaciona com a total negação da identidade e a uma falsa ideia de indivíduos, formados por uma padronização das consciências. Etimologicamente, heteronomia é a junção do prefixo hetero – oposto, contrário – com nomos – regra; significa dizer então que um indivíduo heterônomo é aquele que se comporta de forma covarde e segue a autoridade passivamente, ou seja, ele segue regras construídas de fora, opostas, sem a sua participação. Tais influências e implicações produzidas por uma indústria cultural na formação dos pensamentos e ações dos indivíduos acaba gerando falsas consciências.

(...) a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até às instituições, até à discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. (ADORNO, 1995, p. 181, 182).

As principais forças da heteronomia, nas sociedades modernas, são representadas pela racionalidade instrumental e pela indústria cultural, que determinam de forma direta ou indiretamente todo o processo de formação em uma educação tradicional. Para Adorno: “Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação”. (ADORNO, 1995, p. 143).

Numa sociedade em que as desigualdades e as opressões sociais se aprendem desde o nascimento e por toda a vida, os homens são alvos fáceis de manipulação ideológica, o que contribui para a fragilização de conteúdos culturais em sua formação e leva a uma alienação total dos indivíduos.

Para tanto, esse entendimento pode ser desenvolvido a partir do conceito de esclarecimento de Kant, tal como os desafios que a educação enfrenta num contexto de mudanças globais. No ensaio *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, de 1783, determina:

Esclarecimento é a saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. *Sapere aude!* Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! (KANT, 2010, p. 407).

Ao responder à pergunta o que é esclarecimento, Kant responde também o que é a modernidade. Ter a coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, sair da menoridade e ser esclarecido, acentua a dificuldade de entrar na maioridade. Esse processo não é somente uma passagem histórica, como se fosse um trajeto histórico, pois Kant preconiza que a menoridade da tutela convive com a maioridade. Essa situação pode estar acontecendo por que a história não é alguma coisa que transcorre por ela mesma, mas sim através dos indivíduos que a fazem. Portanto, se não ousarmos e fazermos uso da capacidade racional, a emancipação não acontecerá.

A culpa da menoridade talvez não tenha sido inteiramente redimida, e, portanto, o estado de tutela não tenha sido superado. Está aí a importância da relação entre modernidade e autonomia, o homem moderno autônomo corresponde à realidade de todos nós que estamos nessa experiência moderna. Os homens de modo geral ainda não são esclarecidos, dado que se deve considerar o esclarecimento do ponto de vista de uma dinâmica histórica. Não somos ainda sujeitos autônomos, mas estamos atravessando um processo de construção da subjetividade, produzindo essa condição.

Certamente, Kant não utiliza a palavra emancipação e sim o termo 'esclarecimento' (*Aufklärung*), que já o utilizava como processo emancipatório do homem frente a ignorância, ou como sujeito capaz de perceber-se diferente do mundo ao redor.

A constatação de Adorno ao retornar a Kant é que existem mecanismo geradores de menoridade em nossa sociedade, que formam adultos que nunca conseguiram ser completos. Um desses mecanismos é o conceito de função, ou seja, um padrão social de comportamentos e atitudes que se perpetuam entre os homens, que não são aqueles que eles mesmo deveriam ser, não conseguem ter uma própria identidade. Adorno considera repugnante a versão normativa de conceito de papel, afirmando que é preciso contrapor-se a ele com vigor. Nas palavras de Adorno:

Talvez se possa ver o problema da menoridade hoje ainda por um outro aspecto, talvez pouco conhecido. De uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de

Riesman, 'é dirigida de fora', que ela é 'heterônoma' (...) como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma. (ADORNO, 1995, pág. 178).

Surge uma consciência falsa de massa, formada por bens culturais neutralizados e petrificados levados a desenvolver valores imediatos de consumo. Assim, a indústria cultural agora se encarrega de entreter o tempo livre do trabalhador, fazendo consumir seus produtos culturais, negando uma formação cultural e promovendo uma falsificação cultural que Adorno nomeou de semiformação.

No texto *Educação e emancipação*, Adorno retoma o problema da exigência da emancipação para a constituição de uma sociedade efetivamente democrática:

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado 'Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?' Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. 'Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade'. Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual. A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento. (ADORNO, 1995, p. 169).

Portanto, se faz necessário e urgente o exercício do filosofar em nosso cotidiano escolar como possibilidade para atender a carência em nossa sociedade de formar sujeitos autônomos e livres, capazes de analisar, criar, comparar, elaborar conceitos além do estabelecido, do já pensado e do que está pronto. É preciso levar em conta as contradições próprias da nossa sociedade que é, ao mesmo tempo, capitalista e dependente, rica e explorada, consciente e alienada. É o pensar livre e rigoroso que permite alguém determinar o que é ou não é correto de ser feito em determinada situação. Uma democracia que se preze, se sustenta no aprendizado do pensamento aberto, do próprio entendimento; por outro lado, quem segue o pensamento de outrem, poderá ser conduzido à truculência?

Como se nota, fica evidente que uma educação para emancipação também é uma educação contra atrocidades. A educação emancipatória não pode ser pensada destituída de seu sentido político. A própria emancipação é uma condição política. Pensar o ensino de Filosofia a partir da Teoria Crítica de Adorno, é pensar os pressupostos da construção do esclarecimento, entendidos na figura daqueles que não querem viver tutelados, menores, onde a liberdade ainda é apenas uma promessa ilusória. Ser autônomo exige esforço, compromisso, busca constante de entendimento da sociedade e partilha das suas reflexões visando ao bem comum.

A formação de uma racionalidade política esclarecida deve ser a intenção de um projeto emancipatório. E efetivada por meio de uma prática reflexiva engajada em cada indivíduo que deve pensar em suas ações pessoais e coletivas sempre com um olhar para o futuro em que o ponto de referência seja a emancipação.

Atividade - Kant e LDB

O objetivo dessa atividade é discutir os conceitos de autonomia e heteronomia com o apoio do texto de Kant *Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?*

Para iniciar, os alunos deverão, além da leitura do texto de apoio, tomar conhecimento do artigo 35, inciso III, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o qual afirma que é finalidade do ensino médio “ o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

De acordo com esse parâmetro da LDB, se solicita que os alunos levantem argumentos que respondam à seguinte questão:

A Educação tem sido capaz de desenvolver a consciência autônoma e o pensamento crítico nos alunos?

O diagnóstico apresentado, a partir da Teoria Crítica de Adorno, sobre o contexto histórico atual, no qual se percebe que os sujeitos da educação estão submetidos à relações de dominação social, torna relevante e uma prioridade a importância no ensino de Filosofia, interpretado à luz de uma política educacional emancipatória. Tal é o foco desta investigação e que pretendemos desenvolver no presente projeto.

Diante desse quadro, responda:

1. Até que ponto o esclarecimento leva o indivíduo a resistir àquilo que a sociedade define como dado e pronto?
2. Que concepções de ser humano a sociedade tem construído em nós e nos outros?

3. Qual a finalidade da educação e da escola diante dos desafios atuais de se buscar estratégias mais apropriadas a um desenvolvimento humano integral. Formar indivíduos mais esclarecidos, ou emancipados intelectualmente no ambiente escolar, seria formar indivíduos politicamente emancipados?
4. Qual o significado do Ensino de Filosofia na formação dos jovens para a defesa e manutenção de uma sociedade democrática de cunho emancipatório?

Sob a óptica das teorias críticas, o conceito de contextualização, é um importante aspecto do processo pedagógico e contribui para que o conhecimento ganhe ressignificação e proporcione a formação de sujeitos históricos, que, ao se apropriarem de conhecimento, compreendam que as estruturas sociais são históricas, contrastantes, divergentes e conjuntural, mas não naturalizadas ou atemporais

A educação emancipadora que buscamos em nossos estudos, está fundamentada em conceitos que dialogam com a experiência e saberes de uma comunidade historicamente situada, definindo seus valores, convicções, escolhas e ações em favor de mudanças mais igualitárias e justas. Em suma, ela está voltada para construção de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Deve-se notar que a formação da consciência se apresenta com um novo sentido para Adorno, nas palavras de Wolfgang Leo Maar no ensaio introdutório do livro *Educação e Emancipação*:

A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque 'subjetivista' da subjetividade na sociedade capitalista burguesa. A 'consciência' já não seria apreendida como constituída no plano das representações, sejam ideias oriundas da percepção ou da imaginação, ou da razão moral. A consciência já não seria 'de', mas ela 'é'. Seria apreendida como sendo experiência objetiva na interação social e na relação com a natureza, ou seja, no âmbito do trabalho social. (MAAR, 1995, p.16).

Longe de uma pedagogia tradicional, o professor que se propuser a trabalhar na postura de uma Teoria Crítica, necessariamente deverá ser um agente de transformação, ser um crítico da própria cultura, que transmite conhecimento, não de

forma passiva, mas sim como um teórico crítico que proporciona aos estudantes uma formação dialógica e dialética sobre um mundo. Este teórico desenvolverá uma formação para o esclarecimento, a partir das contradições existentes em nosso tempo.

Os pressupostos da emancipação, necessariamente devem refletir os obstáculos que os impedem de serem realizados concretamente. Caso contrário, corre-se o risco de a própria escola reproduzir as mesmas condições de dominação e exploração que está inserida no atual contexto, onde o avanço e o controle técnico da natureza e do mundo são o objetivo principal. E a verdadeira consciência dos indivíduos ficará bem distante de uma formação para emancipação. Uma educação pensada nos pressupostos da teoria crítica tem um destino claro: a emancipação.

A Teoria Crítica é uma forma de pensar o mundo a partir das questões contemporâneas e práticas, que reflete uma teoria que tenha uma relação com a prática. De pessoas que atuem com esclarecimento político e lutem pela emancipação, não sendo submissas ao sistema, que consigam parar e pensar, refletir, formar suas próprias reflexões, pessoas conscientes para os dias de hoje.

O objetivo principal neste texto é cultivar e desenvolver o pensamento crítico dos alunos, a partir de textos filosóficos. O que pretendemos trabalhar aqui, em síntese, na forma de alguns pressupostos, é desenvolver um pensamento crítico-reflexivo.

Desse modo, ao pensar o ensino de Filosofia, não podemos renunciar a compreensão expressa por Adorno de que “a exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia” (ADORNO, 1995, p. 169). Sendo assim, não há propriamente ofício filosófico sem sujeitos democráticos, e não há como atuar no campo político e cultural, concretizar a democracia quando se perde o poder de pensar, a capacidade de percepção e o uso autônomo da razão. O ato de pensar, é um ato de resistência.

A Filosofia nasceu na *ágora* e, portanto, desde sua origem está vinculada à política. Uma Filosofia sem compromissos com a humanidade e distante da política, seria por si só uma contradição. Esse vínculo histórico se fortalece na medida em que a Filosofia desenvolve as potencialidades que a caracterizam: capacidade de indagação e crítica, de sistematização e de fundamentação, de rigor conceitual, de combate a qualquer forma de dogmatismo e autoritarismo, bem como disposição para levantar novas questões, de repensar, de imaginar e construir conceitos. E que tais características não renunciem a defesa radical da emancipação humana, do pensamento e da ação, livres de qualquer forma de dominação. (SEEDPR, 2008, p. 48).

Face a isso, impõe-se a exigência que o indivíduo e a sociedade busquem o esclarecimento, como propunha Kant. Este é um imperativo de uma racionalidade política em qualquer sociedade que se pretenda ser democrática.

Como lembra Bruno Pucci: “Resistência aos irracionalismos da barbárie fascista, do autoritarismo estalinista, da semicultura capitalista. Resistência individual e coletiva, resistência através da razão, da cultura, da educação/formação, da arte”. (PUCCI, 1994, p. 33, 34)

A intenção da teoria crítica, ainda atual em nosso cotidiano, almeja os ideais iluministas de, através da razão, libertar os indivíduos da ignorância e da inconsciência, buscando com isso a transformação da sociedade.

A prática educativa, segundo Adorno, deve preparar a pessoa para se orientar no mundo e ao mesmo tempo não deixar que o mundo a desorienta, ou seja, manter a individualidade dentro da sociedade.

Para isso, a educação para a emancipação pressupõe a realidade num processo dialético. A educação deve preparar o ser humano para o confronto com a experiência real e não para experiência alienada de mundo. Assim, Adorno argumenta a favor de um conceito de racionalidade e de consciência que venha superar a forma de entender a sociedade cientificamente fragmentada:

Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo — a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. (ADORNO, 1995, p. 151).

Essa nova forma de entender a relação do sujeito com a realidade, enquanto sujeito crítico que não se submete a cultura dominante, servirá de fermento para uma nova concepção de educação popular e libertadora, que irá reconhecer no indivíduo oprimido pela organização social heterônoma, o agente transformador dessa mesma sociedade, a partir da compreensão crítica da opressão que está submetido, recriando sua maneira de pensar e ler o mundo.

Torna-se necessário investigar possíveis contornos de esperança e responsabilidades que nos remetam à educação, definindo a formação que se quer proporcionar a esses sujeitos, de tal modo que possa contribuir para o tipo de participação que lhes caberá na sociedade, no processo de construção de uma sociedade mais justa, e de oportunidades igualitárias.

Examinando as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (DCEBPR), na proposta para o ensino de Filosofia, verificamos:

Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única, de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico, da reflexão filosófica e do contato com a arte. Os conteúdos disciplinares devem ser tratados, na escola, de modo contextualizado, estabelecendo-se, entre eles, relações interdisciplinares e colocando sob suspeita tanto a rigidez com que tradicionalmente se apresentam quanto o estatuto de verdade atemporal dado a eles. Desta perspectiva, propõe-se que tais conhecimentos contribuam para a crítica às contradições sociais, políticas e econômicas presentes nas estruturas da sociedade contemporânea e propiciem compreender a produção científica, a reflexão filosófica, a criação artística, nos contextos em que elas se constituem. (SEEDPR, 2008, p.14).

A relação que Adorno estabelece entre emancipação, educação e democracia, cuja referência principal consiste nos trabalhos organizados na obra *Educação e Emancipação*, aponta tudo aquilo para o qual os métodos educacionais devem subtrair, demonstrando que a educação deve dar-se sempre em prol da emancipação e da autonomia, originando finalidades humanas e reflexivas sobre si mesma. A educação jamais deve ser autoritária e tirana do indivíduo, nem provocar a competição ou fortalecer a frieza humana. Assim, ela deve ter antes de tudo papel de formação humana e reflexiva.

Uma educação que possa contribuir para a formação de uma consciência democrática, desenvolvendo habilidades para o trabalho coletivo e colaborativo, melhorando a qualidade de ensino, em uma sociedade de caráter neoliberal, em que a maioria vive desigualdades sociais como um fato natural.

A necessidade de um trabalho atento também se apoia na busca de novas interpretações da realidade, de acordo com as DCEBPR de Filosofia:

Um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar.

Nesse sentido, a escola deve incentivar a prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino, de aprendizagem (internalização) e de avaliação que permitam aos professores e estudantes conscientizarem-se da necessidade de '...uma transformação emancipadora. É desse modo que uma contraconsciência, estrategicamente concebida como alternativa necessária à internalização dominada colonialmente, poderia realizar sua grandiosa missão educativa' (MÈSZÁROS, 2007, p. 212). Um projeto educativo, nessa direção, precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural e às possíveis

necessidades especiais para aprendizagem. Essas características devem ser tomadas como potencialidades para promover a aprendizagem dos conhecimentos que cabe à escola ensinar, para todos. (SEEDPR, 2008, p. 15).

ATIVIDADE: Leia o poema abaixo e responda as questões:

O analfabeto político

(Texto de Bertold Brecht, escritor e teatrólogo alemão (1898/1956)

<https://pensador.uol.com.br/frase/MjMzMDA5/>

1. O que você acha sobre a participação da sociedade nos acontecimentos políticos do país? Por quê?
2. De que forma podemos participar dos acontecimentos políticos?
3. Por que o preço do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas?
4. Cite exemplos de decisões políticas no Brasil.
5. Como você vê o fato de alguém odiar a política?
6. Quais as características de um analfabeto político?
7. O autor do texto afirmou que “o pior analfabeto é o analfabeto político”. Nesta afirmação há uma outra crítica. Qual?
8. Bertold Brecht também disse que “o pior de todos os bandidos é o político vigarista, pilantra...”. Como podemos interpretar essa afirmação do autor?
9. O que fazer quando ficamos sabendo que um político está agindo desonestamente?
10. É possível ser analfabeto e não ser analfabeto político? Por quê?

LEITURA COMPLEMENTAR:

Por Regina Novaes, Antropóloga e professora. Ex-secretária-adjunta da Secretaria Nacional de Juventude e ex-presidente do Conselho Nacional de Juventude

Juventude, cidadania e participação: que papo é esse?

<http://revistapontocom.org.br/edicoes-anteriores-artigos/juventude-participacao-e-cidadania-que-papo-e-esse>

Texto de palestra ministrada no Centro do Teatro do Oprimido, na Lapa, Rio de Janeiro, durante o evento Juventude, participação e cidadania: que papo é esse?, promovido pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), em novembro de 2006.

Sugestões de vídeos:

1. Adorno e a Educação -Teoria Crítica na Educação

<https://www.youtube.com/watch?v=TEaJWodZMo0>

2. O julgamento da Educação

<https://www.youtube.com/watch?v=XLD9ueLqD2s>

BIBLIOGRAFIA:

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. *In: Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

_____. **Educação após Auschwitz**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. *In: Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

_____. **Educação: para quê?** Trad. de Wolfgang Leo Maar. *In: Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

LASTÓRIA. Luiz A. Calmon Nabuco (org.). **Teoria Crítica, Ética e Educação**. Organizado por Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, Belarmino Cesar Guimarães da Costa e Bruno Pucci. Piracicaba/Campinas, Editora UNIMEF/Editora Autores Associados, 2001.

MARÇAL, Jairo (org.) **Antologia de Textos Filosóficos** Curitiba:SEED-Pr.,2009.

PUCCI, Bruno (org.), et al. **A Educação Danificada: contribuições à teoria crítica da educação** – Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

PUCCI, Bruno (org.), et al. **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt** – Petrópolis, RJ : São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994. – (Ciências sociais da educação)

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná. Filosofia**. Curitiba: Seed/DEB, 2008.